

5

Conclusão

Convidados pelo Centro *George Pompidou* de Paris para participar de uma exposição acerca da arquitetura e os novos meios de comunicação, os arquitetos Jacques Herzog e Pierre Meuron desenvolveram um projeto no qual a principal idéia era entrevistar quatro pessoas de áreas e gerações diferentes, a partir da pergunta “*o que é arquitetura?*”

Mesmo a exposição não acontecendo, devido à falta de financiamento, eles realizaram o projeto, que consistia em indagar diferentes pessoas como, por exemplo, uma criança, um artista ou um filósofo. Desta forma, realizaram uma das entrevistas com Gadamer, quando tinha 96 anos. Nesta entrevista, eles sugeriram que o filósofo de Heidelberg falasse do que ele considerava ser a arquitetura em geral, levando em conta a experiência particular de sua juventude, sem deter-se em nenhuma obra específica.

Como resposta, Gadamer falou sobre sua infância em Breslau, permanecendo especificamente em um ambiente da casa de seus pais: *a sala de recepções e o seu assoalho de madeira cuidadosamente encerado*. Herzog comenta o relato de Gadamer da seguinte forma:

Na casa de seus pais, havia um maravilhoso piso de madeira na sala de recepções, no qual as crianças (inclusive o jovem Hans-Georg) eram proibidas de adentrar, a não ser em ocasiões especiais como o Natal. Descrevendo o piano e a mesa de bilhar que estavam sobre o piso, Gadamer falou de sua superfície mágica – um piso de madeira maravilhoso, tão bem conservado e polido que todo o espaço era tomado pelo odor da cera. De vez em quando, um amigo do seu pai os visitava (...) e, ao adentrar a sala proibida, sempre deixava seu casaco e guarda-chuva, que molhavam o piso mágico. Como criança, Hans-Georg ficava horrorizado com tal gesto do amigo de seu pai. Ele

ainda se lembra de modo muito vivo a imagem do piso de madeira polido decorado com as gotas de água do guarda-chuva encharcado¹⁷⁴.

Esta história, que remete a um assoalho de madeira encerado, descreve uma experiência muito particular de Gadamer, com ênfase em um componente básico das edificações: o piso. Tal narrativa ilustra nossa abordagem, pois, ao responder acerca da arquitetura tomando o piso artesanal de um ambiente da casa de seus pais, Gadamer indica um item que está estruturalmente vinculado a todo e qualquer edificação.

Neste sentido, assim como a lembrança do piso de madeira torna presente um ambiente familiar compartilhado, também a experiência filosófica da arquitetura explicita um aspecto fundamental ao pensamento de Gadamer: o caráter essencialmente configurador da experiência hermenêutica na esfera da imanência da vida comunitária.

Assim, a abordagem gadameriana da arquitetura, enquanto âmbito no qual atravessam múltiplas possibilidades de experiências da verdade, inaugura um horizonte de indagação que, desde o princípio, não se submete ao modelo científico estabelecido. A estrutura filosófica de acesso à verdade é revisada. Deste modo, o questionamento hermenêutico não se limita simplesmente à rejeição do modelo representativo abstrato da ciência, mas assumir como tarefa a discussão fundamental da falência da estrutura deste mesmo modelo, na tentativa de pensar uma verdade que não se ajusta aos critérios científicos.

Desta forma, quando Gadamer opta pelo questionamento hermenêutico da arte como um horizonte privilegiado que não se deixa dominar pela ciência, ele reivindica uma experiência básica de pensamento, que se abre a uma experiência mais ampliada da verdade. Superando os desenvolvimentos estéticos, que pretendem lidar com a arte a partir de sua fundação na idéia de subjetividade, Gadamer visualiza uma nova perspectiva, que se estrutura a partir de um posicionamento que lida como os objetos artísticos a partir daquilo que eles têm a dizer.

Deste modo, a arquitetura, na perspectiva de Gadamer, resiste aos atuais desenvolvimentos da estética, pois, por sua própria natureza, não pode ser destituída de seu lugar. Antes, é a própria arquitetura que oferece lugar às artes como um todo.

¹⁷⁴ HERZOG, Jacques. *Thinking of Gadamer's floor*. In DAVIDSON, C. C. (Ed.). *Anything*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001, p. 115, tradução minha.

Na tentativa de ir além da consciência estética, que sempre descontextualiza as expressões artísticas, Gadamer pensa a arquitetura como um tipo de arte no qual o mundo vital não é perdido, pois, leva em conta sua própria constituição, enquanto construção pensada para uma finalidade qualquer.

Assim sendo, na interação com as obras de arte, podemos vislumbrar um novo modelo representativo que não quer dominar algo, mas antes, expor uma experiência da verdade que surge da interação dialógica com esse outro, a partir de um horizonte comum.

Ao considerar a representação, em seu modo de ser ontológico, enquanto “tornar-presente” (*Darstellung*), Gadamer sustenta um modelo representativo no qual a experiência hermenêutica efetivamente acontece como um encontro transformador entre obra e intérprete, onde a própria obra tem algo a dizer ao seu interlocutor que, por conseguinte, abre-se a um diálogo com a obra.

Cada encontro dialógico com a obra permite uma melhor compreensão e, neste ponto, encontramos o seu sentido e valor ontológicos. Desta forma, Gadamer entende que o sentido original das obras só pode ser acessado se evidenciamos esta estrutura representativa. Como afirma Bernet,

Para Gadamer, todo comportamento humano é, em sua essência, uma representação (*Darstellung*). Ou seja, o compreender não só é uma atividade lúdica, mas também inclui os gestos corporais e expressões lingüísticas, a atividade de compreender um evento ou uma leitura de um texto¹⁷⁵.

Como modo de descrever a estrutura deste novo modelo de representação, Gadamer apresenta três características fundamentais que contribuem para a sua compreensão: *jogo, símbolo e festa*. Estes são modos de operar da própria representação enquanto *Darstellung*, pois não se fundam na atividade subjetiva da representação, tomada como *Vorstellung*. Assim, as dimensões do jogo, símbolo e festa, indicam, respectivamente, os aspectos de interação, referências compartilhadas e participação, que tem seu sentido no âmbito de uma comunidade. Eles evidenciam

¹⁷⁵ BERNET, Rudolf. *Gadamer on the subject's participation in the game of truth*. In *The Review of Metaphysics*. n. 58, June 2005, p. 791.

os aspectos ontológicos próprios da arquitetura em sua ligação com a vida em comum.

Ao contrário das artes plásticas que, muitas vezes, são reféns de deslocamentos nem sempre adequados às próprias obras, os monumentos arquitetônicos, pela sua própria constituição, resistem à mudança espacial. Por serem configuradores de um âmbito vital compartilhado, os mesmos transformam aqueles com os quais se relacionam, tornando presentes as referências de sentido da própria vida social, intrínsecas a sua temporalidade. Como afirma Lígia Saramago, “*o tempo inerente às obras dialoga incessantemente com a temporalidade, que permeia o contexto onde se inscreve, sem lhe impor qualquer antagonismo*”.¹⁷⁶

Desta maneira, nenhuma outra arte se relaciona de modo tão decisivo com o seu próprio tempo como a arquitetura. Em sua performance de atração para si e remetimento para além de si, realiza fundamentalmente a mediação entre passado e presente. Essa temporalidade da arquitetura é, do ponto de vista de Gadamer, um modo de indistinção estética, pois não poderíamos considerá-la de modo destacado em relação ao seu lugar. Ou seja, não poderíamos considerar os edifícios alheios ao seu caráter ocasional e decorativo. Daí sua condição de monumento.

Assim, afirmar a importância da arquitetura no pensamento de Gadamer é, de fato, considerar decisivamente a sua relevância na esfera da experiência hermenêutica que, por conseguinte, atinge a própria atividade dos arquitetos. Como vimos na reflexão de Dalibor Vesely, a arquitetura não pode abdicar de sua tarefa histórica de exprimir uma experiência de vida compartilhada, mesmo diante do domínio tecnocientífico que marca profundamente tal atividade.

Por fim, uma consideração hermenêutica dos monumentos arquitetônicos promove uma transformação no próprio proceder da filosofia, que não pode abandonar sua tarefa questionadora fundamental, mas através deste questionamento possibilitar a transformação daqueles que se relacionam com a mesma.

Portanto, assumir a relevância da arquitetura, no pensamento de Gadamer, significa afirmar que na relação compreensiva com os monumentos arquitetônicos também acontece de modo decisivo o acréscimo de ser. Neste sentido, as obras arquitetônicas, em sua familiaridade e estranheza, são um âmbito que suscitam não

¹⁷⁶ SARAMAGO, Lígia. *Espaço e obra de arte nos pensamentos de Heidegger e Gadamer*. In *Artefilosofia*. Ouro Preto, n. 1, julho de 2006, p.86.

apenas das experiências alcançadas a partir da interação com a obra, mas o remetimento para a totalidade da vida compartilhada com os outros.